IRENE RAGUENET TROCCOLI E FERNANDO ROBERTO FREITAS ALMEIDA

Exportações brasileiras de 1996 versus 1995

Algodão

As facilidades determinadas pelas autoridades brasileiras às importações de algodão e o conseqüente desestímulo à produção interna explicam o forte crescimento das compras externas do produto entre os anos de 1995 e 1996, ao mesmo tempo em que as vendas a outros países caíam violentamente.

Arroz em casca

O arrefecimento da tradicional necessidade brasileira de importar arroz para a complementação de seu abastecimento interno em 1996, comparada à do ano anterior, explica-se pelo elevado estoque de passagem registrado entre os dois períodos.

Cacau e subprodutos

Apesar dos problemas que a lavoura cacaueira tem enfrentado no Brasil nos últimos anos, as exportações do produto *in natura* lograram avançar significativamente entre os anos de 1995 e 1996. Por sua vez, os subprodutos que registraram aumento na arrecadação referente às vendas internacionais foram os da trinca manteiga-gordura-óleo. Já as vendas de cacau em pó diminuíram significativamente no período, não só em quantidade como em valor.

Café

Apesar do aumento observado nas exportações físicas de café entre 1995 e 1996, a retração do preço médio ditou menor arrecadação, por força da maior oferta mundial do café verde.

Carne bovina

O significativo aumento de 24% nas exportações brasileiras da variedade *in natura* entre 1995 e 1996 não foi suficiente para gerar aumento nas vendas totais de carne bovina, dada a maior participação relativa das carnes industrializadas – cujas exportações contraíram-se 11% no período. Já pelo lado das importações, estas sofreram impulso exclusivamente devido ao aumento de quase 100% observado junto às compras da carne resfriada não desossada.

Frangos de corte

O avanço de 33% observado nas vendas de frangos congelados em 1996 se distribuiu equitativamente entre as aves intei-

Comércio exterior brasileiro – 1995 e 1996

Item	1995			1996			Variação 1996/95		
	Quant. (t)	Valor (US$ mil FOB)	Preço médio (US$/t)	Quant. (t)	Valor (US$ mil FOB)	Preço médio (US$/t)	Quant.	Valor	Preço médio (US$/t)
Exportações de frangos (Abef)									
Total	428.827	634.100	1.479	568.800	840.009	1.477	0,33	0,33	0
Frango inteiro	222.400	252.100	1.134	294.700	368.354	1.250	0,33	0,46	0,1
Frango em partes	206.610	382.000	1.849	274.100	471.655	1.721	0,33	0,24	-0,07
Carne bovina (FNP/Secex/Decex)									
Exportações	132.748	473.653	3.568	131.432	420.929	3.203	0	-0,11	-0,1
Importações	107.220	169.585	1.582	133.682	178.261	1.334	0,25	0,05	-0,16
Exportações de fumo em folha (DTIC)	256.270	768.600	3.000	282.364	1.030.000	3.648	0,10	0,34	0,22
Exportações de suco de laranja (Secex/Decex)	960.905	1.105.081	1.150	1.180.100	1.391.665	1.170	0,23	0,26	0,02
Importações de arroz com casca (Secex/Decex)	1.010.627	282.215	279	866.331	305.381	353	-0,14	0,08	0,27
Exportações de açúcar (Secex/Decex)	6.239.170	1.919.460	308	5.378.893	1.611.494	300	-0,14	-0,16	-0,03
Exportações de cacau e subprodutos (Secex/Decex)									
Inteiro ou partido	19.106	25.591	1.339	33.274	46.557	1.399	0,74	0,82	0,04
Cascas/películas	161	21	130	315	59	187	0,96	1,91	0,44
Pasta	22.264	26.677	1.198	21.551	24.040	1.116	-0,03	-0,1	-0,07
Manteiga/gordura/óleo	18.048	65.438	3.626	24.667	91.200	3.697	0,37	0,39	0,02
Em pó	18.267	13.514	740	16.465	11.758	714	-0,1	-0,13	-0,04
Chocolate	21.535	47.449	2.203	19.947	45.256	2.269	-0,07	-0,05	0,03
Exportações de café (Febec)									
Total	873.232	2.429.268	2.782	915.988	2.091.105	2.283	0,07	-0,14	-0,18
Verde	715.741	1.949.240	2.723	764.407	1.688.269	2.209	0,09	-0,13	-0,19
Torrado	611	2.333	3.818	477	1.948	4.081	-0,21	-0,17	0,07
Solúvel	156.880	477.695	3.045	151.104	400.888	2.653	-0,04	-0,17	-0,13
Algodão não cardado nem penteado (Secex/Decex)									
Importações	279.027	544.034	1.950	568.197	859.758	1.513		0,58	-0,22
Exportações	51.238	91.543	1.787	1.551	2.419	1.560		0,03	-0,13

ras e em partes. No primeiro caso, o aumento se deveu à maior demanda por parte de alguns países árabes e da Argentina. Já no que se refere às partes de aves, os três maiores clientes – Japão, Hong Kong e Cingapura – aumentaram suas compras conjuntas em 24%, além de ter ocorrido grande incremento isolado nas vendas à Alemanha. Apesar deste reforço na procura pela carne avícola brasileira, a acirrada concorrência internacional neste comércio colaborou para manter-lhe inalterado o preço médio ante o de 1995.

Fumo em folha

A elevada qualidade do fumo em folha brasileiro explica os aumentos na quantidade exportada e no preço médio obtido. Com estes avanços, a venda da commodity ao exterior atingiu recorde histórico até aquela data. Maiores clientes: EUA, Alemanda e Reino Unido.

Suco de laranja

Em 1996, o país logrou alcançar novo recorde no volume exportado de suco de laranja concentrado congelado, apesar da concorrência representada pelo produto norte-americano, que forçou a virtual inalterabilidade do preço médio da commodity.

Soja

A soja e seus derivados vêm ocupando, ao lado do café, as mais destacadas posições na pauta de exportações do Brasil. Segundo dados da Secex, as vendas externas de soja em grão, no ano comercial de 1996 (fevereiro-janeiro), foram de 3,63 milhões de toneladas, superando em 4,7% o total vendido em 1995, que foi de 3,47 milhões de toneladas. A Lei Kandir, que desonerou da incidência do ICMS as exportações do grão, foi aprovada no final do ano e seus efeitos fizeram-se sentir em 1997. As exportações entre fevereiro de 1997 e janeiro de 1998 estão estimadas em 8,2 milhões de toneladas. O estoque no país, em dezembrode 1996, totalizou 760 mil toneladas, ante 1,13 milhão de toneladas um ano antes.

O farelo teve vendas externas menores no ano comercial de 1996 do que no anterior. Foram exportadas 11,17 milhões de toneladas, para 11,47 milhões em 1995. A pressão compradora do mercado interno, em função do desempenho da suinocultura, está por trás desses números. Os estoques de farelo em dezembro de 1996 foram de 671 mil toneladas, abaixo das 826 mil de 1995, mas superiores ao registrado em 1994 (576 mil) e 1993 (560 mil).

O óleo apresentou a mesma configuração. Exportou 1,32 milhão de toneladas em 1996 e 1,64 milhão em 1995. No entanto, o estoque final total do produto (óleo bruto+refinado), em dezembro de 1996, foi o maior do triênio: 269 mil toneladas, comparativamente a 253 mil em 1995 e 244 mil em 1994.

E-mail: iragtroc@fgv.br
E-mail: ferfal@fgv.br

100 maiores do agribusiness

Eliana Conde Barroso Leite

Setor têxtil: sob o signo da competição

O faturamento do setor têxtil em 1996 atingiu US$ 14,6 bilhões, um desempenho pior do que o de 1995 e bem abaixo dos US$17 bilhões obtidos em 1994. São dados da Associação Brasileira da Indústria Têxtil, para quem as dificuldades enfrentadas pelo setor com a abertura comercial motivaram este resultado.

Se por um lado a abertura comercial representou um acirramento da concorrência no mercado do produto acabado, ela também trouxe algumas preciosas vantagens para as indústrias. As importações de matérias-primas, sobretudo as do algodão, foram muito favorecidas nos últimos anos pelos longos prazos de financiamento das operações e pela diferença nas taxas de juros cobradas pelos exportadores, muito inferiores às praticadas no Brasil. Nem mesmo a adoção da medida provisória de março último, que impôs restrições ao financiamento das importações, parece ter afetado a estratégia de adquirir matérias-primas no exterior. A medida provisória impede financiamento às importações até o limite de 365 dias, mas nada impede que se realizem compras externas financiadas em prazos mais longos. Grandes empresas e fornecedores externos que conseguem viabilizar operações com prazos mais longos, portanto, acabam não sendo afetados. O mesmo não se pode dizer das indústrias menores.

Desequilíbrios no setor têxtil

De acordo com dados da Fundação Getulio Vargas, o setor têxtil vem registrando nos últimos anos significativos déficits em sua balança comercial. Em 1996, o déficit atingiu cerca de US$689 milhões, devendo ficar bem maior em 1997. No ano passado, as exportações totalizaram US$1,27 bilhão, enquanto as importações atingiram US$1,96 bilhão.

A observação da pauta comercial aponta como causas do grande desequilíbrio as volumosas importações de fibras têxteis (matéria-prima), sobretudo algodão, produto que deveria estar sendo obtido aqui mesmo. Em 1996 importamos quase US$ 1 bilhão em fibras têxteis, dos quais quase 90% correspondem ao algodão. Em contrapartida, as exportações de produto acabado não foram nada desprezíveis: vendemos no total cerca de US$ 680 milhões em produtos manufaturados (confecções e outras manufaturas têxteis, como feltros, tapetes, carpetes, tecidos especiais etc.).